

PENSANDO A INVISIBILIDADE ATRAVÉS DA DIFERENÇA

STEFANE SOARES PEREIRA*

* Universidade Federal de Juiz de Fora
– UFJF.

A

Resumo

partir do estudo crítico da obra **Homem invisível**, do estadunidense Ralph Ellison, este trabalho propõe discutir a questão da invisibilidade do sujeito diaspórico. A fim de entender este olhar, utilizar-se-á como corpus teórico as questões sobre diferença e cultura analisadas por teóricos da contemporaneidade, como Stuart Hall. Além disso, com o intuito de compreender as afirmações recorrentes à “raça” negra formuladas pelo narrador, conceitos desenvolvidos por Du Bois em **As almas da gente negra**, como a metáfora do “véu” e o da “dupla consciência”, a autobiografia de Booker T. Washington, **Up from slavery** e um trabalho comparativo da visibilidade do negro desenvolvido por Frantz Fanon, em **Pele negra, máscaras brancas**, embasarão o estudo.

Palavras-chave: Cor; Diáspora; Diferença; Invisibilidade; Visibilidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe discutir, inserido no contexto da diáspora africana, a questão da invisibilidade nas narrativas elaboradas utilizando o negro como elemento central. Com o intuito de entender este olhar, utilizar-se-á como corpus teórico as questões sobre diferença e cultura analisadas por teóricos da contemporaneidade, como Stuart Hall (2009).

A partir do estudo crítico da obra **Homem invisível** (1947), do estadunidense Ralph Ellison, as teorias postuladas do fundador da Universidade para Negros, citadas na narrativa, em contraste com os ideais deixados por Booker T. Washington e rejeitados pelo narrador, são discutidas a fim de identificar essa identidade inominada na trama. Para tais fins, analisar-se-á a autobiografia de Washington, **Up from slavery** (1901).

A fim de compreender as afirmações recorrentes à “raça” negra formuladas pelo narrador, assim como a posição política a qual se insere, conceitos desenvolvidos por W.E. B. Du Bois em *As almas da gente negra* (1903), como a metáfora do “véu” e o da “dupla consciência” serão utilizados. Uma vez discutido o lugar da invisibilidade nas obras em questão, o trabalho será complementado por um o estudo comparativo da visibilidade do negro desenvolvida por Frantz Fanon, em *Pele negra, máscaras brancas* (1952).

Dessa forma, torna-se possível a compreensão de uma organização política decorrente de uma conscientização do lugar do negro na sociedade decorrente do questionamento da visibilidade, do divisor existente entre o mundo do Branco e o mundo do Negro nos países os quais foram colonizados.

DIVERSIDADE CULTURAL

Sabe-se que, mesmo antes da colonização das Américas, povos já habitavam essas terras. A diversidade cultural, portanto, não surge com a chegada dos europeus: “Bem antes da expansão europeia (...) a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção” (HALL, 2009, p. 52).

As formas contemporâneas da globalização baseiam-se nas existentes e influentes forças dominantes de homogeneização cultural, as quais propõem modelos fechados, unitários e homogêneos de “cultura”. Entretanto, “o conceito de diáspora se apóia em uma concepção binária da diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” (HALL, 2009, p. 32). O sistema global, não afetando os lugares uniformemente, continua a ser um sistema de desigualdades e instabilidades complexas: “trata-se de um paradoxo da globalização contemporânea o fato de que, culturalmente, as coisas pareçam mais ou menos semelhantes entre si.” (HALL, 2009, p. 57).

A diáspora vista como um evento que faz referência não somente à história, mas também à memória (de um grupo híbrido), revela-se importante ao contribuir na dissolução da “homogeneidade” das nações, uma vez que a memória se vivifica através da lembrança. Na diáspora judaica, a lembrança do Holocausto revifica a luta contra o nazismo, enquanto na diáspora africana a lembrança da colonização enfatiza a luta contra escravidão. Ambas representam um “trabalho” de tradução da violência, do preconceito, da exploração, da invisibilidade, a não aceitação da diferença.

Busca-se reescrever a história partindo da construção de uma voz que pretende “juntar ao presente essas “rotas” fragmentárias (...) e reconstruir suas genealogias (...) para conferir sentido à matriz interpretativa e às autoimagens de nossa cultura, para tornar o invisível visível.” (HALL, 2009, p. 41). A partir desse viés, as narrativas que fazem parte dos estudos da diáspora possuem um lugar reverencial não somente na literatura, mas também na maneira como a sociedade olha para os seus problemas, promovendo, assim, reflexões.

A INVISIBILIDADE EM ELLISON

ELLISON, Ralph. *Homem invisível*. Trad. Márcia Serra. São Paulo: Marco zero, 1990.

Neste trabalho, as palavras negro e branco serão utilizadas com a primeira letra maiúscula a fim de retratar a coletividade.

DU BOIS, W.E.B. *As almas da Gente Negra*. Trad. Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999. p. 9.

Ralph Ellison nasceu em Oklahoma, Estados Unidos, foi músico tornando-se logo escritor. Desde 1936, publicou artigos, contos, ensaios. Entre 1947 e 1951 escreveu *Homem invisível*. Em 1953, ganhou o National Book Award e o Russwurm Award¹. Ellison desenvolve na obra a temática da procura do lugar e da identidade do homem na sociedade. A narrativa decorre, em parte, na cidade de Nova York no período da Renascença do Harlem (1940). A invisibilidade do narrador é criada de forma metafórica, visto que o “outro” – o branco – se recusa a enxergá-lo: “A invisibilidade à qual me refiro ocorre em função da disposição peculiar dos olhos das pessoas com quem entro em contato.” (ELLISON, 1990, p. 7).

No prólogo, pode-se observar que as metáforas de invisibilidade e cegueira permitem um exame dos efeitos do racismo para com o Negro².

O narrador conta um evento em que acidentalmente esbarrou em um homem alto e louro, sendo logo insultado por este – um insulto que faz referência à sua raça. Inconformado, o narrador pede para que ele lhe peça desculpas. Não sendo atendido, agride o branco, que aparece, no dia posterior, como a vítima do acontecido, “segurando o seu colarinho numa das mãos e abrindo o canivete com os dentes, quando me ocorreu que aquele homem, na verdade, não tinha me visto.” (ELLISON, 1990, p. 8). Assim, embora o narrador não deseja ser reconhecido em meio a estereótipos, percebe a impossibilidade de fugir das imposições raciais.

Du Bois – sociólogo, historiador e filósofo – nasceu na comunidade rural de Great Barrington, Massachussts, em 1868 – coincidentemente, na mesma data da véspera da grande marcha pelos Direitos Civis em Washington, presidida por Martin Luther King Jr.– três anos após o fim da guerra civil que selara, no país, o destino do escravismo³. Em *As almas da gente negra*, Du Bois trabalha a invisibilidade através da metáfora do “véu”. O mais influente líder político negro dos Estados Unidos na primeira metade do século XX narra a primeira vez em que a “sombra” o invade, na infância, quando em uma pequena escola de madeira os alunos compraram cartões de visita e trocaram entre si:

A troca foi alegre até que uma menina alta, recém-chegada, recusou meu cartão. Recusou-o peremptoriamente, com um olhar. Então me ocorreu (...) que era diferente dos outros (...) isolado do mundo deles por um imenso véu. Dali em adiante, não senti qualquer desejo de rasgar esse véu (...) com o passar dos anos todo esse desprezo começou a empalidecer. (DU BOIS, 1999, p. 9)

A escrita de Du Bois mostra que o Negro deveria assumir sua condição, e não continuar se sujeitando aos olhares opressores desenvolvidos desde o escravismo. No entanto, ao atingir a maturidade, o líder político descobre que as palavras que ele ansiava eram, em verdade, desenvolvidas por eles: os Brancos. A metáfora do véu simboliza a separação de dois mundos, o Branco e o Negro. Além disso, também a noite, associada à própria cor escura, é recorrente em sua poesia: “As trevas da prisão fechavam-se em torno de nós (...) os filhos da noite, que deveriam labutar sempre e mais no escuro” (DU BOIS, 1999, p. 53).

Ellison faz uso da metáfora da luz a fim de retratar a cor escura do Negro. A luminosidade possui a verdade, por isso, o narrador inominado sente-se confortável quando sua presença inexistente: “A luz confirma a minha realidade, dá origem a minha forma. (...) e não ter noção da própria forma é experimentar a morte. (...) só me tornei vivo depois de vinte anos de existência, quando descobri minha invisibilidade” (ELLISON, 1990, p. 10). O homem invisível sofre com a divisão de dois mundos os quais indicam ser irreconciliáveis:

Depois do egípcio e do indiano, do grego e do romano, do teutão e do mongol, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e aquinhoado com uma visão de segundo grau neste mundo americano -, um mundo que não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que apenas lhe permite ver-se por meio da revelação do outro mundo. É uma sensação estranha, essa consciência dupla (...) (DU BOIS, 1999, p. 54)

Portanto, pode-se afirmar que o conceito de consciência dupla desenvolvido por Du Bois percorre a corrente literária de Ellison. O narrador não deseja uma mudança em sua pigmentação, possuir a “sombra do véu”. Ao contrário, diz sentir-se envergonhado por um dia ter almejado não descender dos “filhos da noite”: “Não me envergonho de meus avôs terem sido escravos. Só me envergonho de ter um dia sentido vergonha disso” (ELLISON, 1990, p. 19). Não somente assume sua descendência africana, como também se vê como um estadunidense. O homem invisível não entendia o olhar da diferença. Na citação seguinte, depois de sofrer um acidente de trabalho, o narrador observa que médicos e enfermeiras:

pareciam representar uma pantomima enigmática, e contemplá-los daquele ângulo me desconcertava. Pareciam uns perfeitos idiotas, coisa que não me agradava. Não era bom. Eu podia ver a meleca no nariz de um dos médicos, uma das enfermeiras tinha uma papada dupla e flácida. Outras caras apareceram, bocas a se moverem numa fúria sem palavras. Afinal, somos todos humanos, pensei, sem saber o que queria dizer com isso. (ELLISON, 1990, p. 206)

Embora o narrador confesse não ter consciência ao afirmar que são todos humanos, essa consciência existe e persiste em seu inconsciente. Visto que no século XIX houve um suporte pseudocientífico aos dogmas racistas por parte de etnólogos e antropólogos com o propósito de defender a escravidão, talvez tenha sido através dos pensamentos “inofensivos” do homem invisível que Ellison tenha encontrado uma maneira de promover a reflexão dos acontecimentos vigentes no período. Segundo Drake (1980), o sistema opressivo e de exploração foi defendido pela ideologia do racismo branco, o dogma de que os negros são inerentemente inferiores em intelecto e em relação ao tipo de temperamento e personalidade se comparados com os brancos⁴. Jordan (1968) relata o fato de os “dogmas do racismo e da supremacia branca que posteriormente permearam outras populações, particularmente crenças sobre o déficit cognitivo do negro, aumentaram (...) para justificar o co-

No original: “the oppressive and exploitative system has been supported by an ideology of White racism, the dogma that black people are inherently inferior in intellect and in type of temperament and personality to white people.”

mércio excessivo de seres humanos o qual alguns Europeus pensavam ser injusto (...)”. (JORDAN, 1968, p. 1550-1812, In DRAKE, 1980, p.7)⁵.

No original: “(...) dogmas of racism and White supremacy which later permeated whole populations, particularly beliefs about a black cognitive deficit, grew up (...) to justify a massive trade in human beings that some Europeans thought was wrong (...)”.

Em **Homem Invisível** (1947), após o narrador ter sido dispensado dos trabalhos na fábrica das Tintas Liberty, aceita como novo emprego fazer parte de um grupo de revolucionários – membros da Confraria –, que o contratam devido à sua oratória. Em seu primeiro discurso, confessa se sentir mais humano, confortado ao estar diante do povo negro, falando sobre as decepções causadas pela cor escura, a todo o instante, em si e em seus “irmãos”. Posteriormente, o narrador se questiona sobre a sensação de se sentir mais humano. O evento surte como se, pela primeira vez, tivesse ocupado uma identidade, um lugar que ele mesmo desconhecia:

Palavras e frases transitavam pela minha mente (...) O que tinha querido dizer com “ter-me tornado mais humano?” (...) Por um breve instante, pensei no meu avô, que despachei rapidamente. O que um velho escravo podia ter a ver com o conceito de humanidade? (...) Teria eu querido dizer que me tornara menos (...) negro? (...) (ELLISON, 1990, p. 303-304)

Durante todo o discurso, o excesso de luminosidade restringe a visão do narrador, que somente percebe que está agradando com sua oratória por escutar os aplausos e gritos de aprovação. Dessa forma, o homem invisível atinge a visibilidade, embora receba a transferência da cegueira, pois embora possa ser visto pelo Negro, jamais será aceito pelo Branco. Essa declaração pode ser entendida no sentido de que, sendo um líder “cego” do Negro, o próprio povo negro deixa-se cegar pela liderança de um líder “deficiente”. Assim, torna-se impossível a mudança dos acontecimentos. O negro permanecerá nas trevas da prisão do preconceito, da discriminação e da exclusão social. Uma vez sendo visto, será que se tornara menos negro? Almejando o poder que até então pertencia e pertenceria ao Branco? Seria isso uma posição coletiva ou individual?

Além disso, o questionamento sobre seu sentir-se mais humano nega, de súbito, a relação com seu antepassado – seu avô. Faz-se possível a conclusão de que o narrador afirma não concordar com os argumentos elaborados por seu ascendente. No primeiro capítulo da obra, o homem invisível expõe os conselhos recebidos por seu avô, conselhos que a personagem carrega por toda a sua vida, tentando desvendá-los: “Meu filho, depois que eu me for, quero que você continue nesta luta. Eu nunca te contei, mas vivemos em guerra (...) Quero que você os subjogue de tanto dizer sim ” (ELLISON, 1999, p. 19).

Antes de se unir aos “irmãos” revolucionários, o líder Jack tenta-lhe explicar sua função de orador fazendo-lhe a seguinte pergunta: “Você gostaria de ser um novo Booker T. Washington?” (ELLISON, 1999, p. 261). Após refletir sobre os ideais propostos por esse líder político, o narrador diz que “ele ia rápido demais. A idéia era totalmente louca” (ELLISON, 1999, p. 262). Percebe-se, portanto, uma crítica a Booker T. Washington. Nascido escravo na Virgínia, foi educador, fundando o Tuskegee Normal and Industrial Institute, no Alabama. Considerado

o principal líder comunitário negro nos Estados Unidos, na juventude e maturidade de Du Bois. Escreveu entre vários livros *Up from slavery* (1901), em que narra em forma de autobiografia afro-americana suas conquistas pessoais, propondo diversas linhas de ação para a ascensão do povo negro. Nos primeiros anos da vida pública de Du Bois, foi seu principal rival intelectual⁶.

Citado em Du Bois, 1999, p. 94. (notas)

Em *As almas da gente negra* (1903) Du Bois elabora várias críticas a Booker T. Washington. Tendo nascido ainda escravo no Sul dos Estados Unidos – parece ser relevante enfatizar que o a escravidão era mais forte no Sul, sendo o Norte menos agrícola – se “encanta” com o espírito capitalista e materialista desenvolvido na época principalmente pelo Norte, elaborando uma doutrina de prosperidade material, respeitabilidade social e instrução industrial. Assim, os operários continuariam sendo os oprimidos negros, que seguiriam um “evangelho de Trabalho e Dinheiro” (DU BOIS, 1999.p. 107). Segundo Du Bois, Booker T. Washington defendia que os negros deveriam abrir mão “em primeiro lugar, do poder político, em segundo, da insistência nos direitos civis, em terceiro, da educação universitária para a juventude negra – e que concentre todas as suas energias na educação industrial” (DU BOIS, 1999, p. 107).

Após ser expulso da faculdade, o homem invisível consegue um emprego na fábrica de Tintas Liberty. Nesse local conhece um senhor negro de idade – Brockway – que trabalhava sozinho no subsolo da fábrica. Conta-lhe que uma vez, quando pegou pneumonia, para substituí-lo, contrataram um engenheiro. Devido ao fato de o engenheiro não ter se adaptado às suas funções, Brockway se orgulha por não ter cursado o ensino superior e, embora não o tenha feito, mostrava-se plenamente hábil à tarefa.

Eu ajudei a instalar esses cano todo, daí que sei localizar cada cano, interruptor, cada cabo e cada fio (...) ta tudo tão bem guardado aqui na minha cachola que sou capaz de passar pro papel cada porca, cada parafuso. E isso que nunca entrei numa dessas facultadezinha de engenharia (...) O que é que tu me diz disso?(...) Aqui em baixo a gente não pode se esquecer de nada (...) Eles têm essas máquina toda, mas isso não basta: nós somos a máquina dentro da máquina. (ELLISON, 1990, p. 186)

Dessa forma, pode-se afirmar que esta personagem exemplifica a crença nos postulados de Booker T. Washington, “desvalorizando” a educação universitária e “vangloriando” o ensino básico junto à prática. A maneira como Washington valoriza a escolaridade básica e o treinamento industrial pode ser interpretado não como uma depreciação do ensino superior, mas como a forma mais lógica de ascensão do Negro na sociedade, usufruindo das vantagens oferecidas pelo capitalismo.

Em o *Homem invisível* (1947), um dos convidados do diretor da Universidade para Negros (o Doutor Bledsoe) – o Reverendo Homer A. Barbee, fez um discurso sobre seu prazer e privilégio de poder visitar a escola. Nesse discurso fala sobre um homem negro que chegara às terras onde naquele momento a universidade estava erguida,

descrevendo sua trajetória e enfatizando a sua importância para o povo negro e para o próprio fundador da Universidade para Negros: o Fundador⁷:

Termo utilizado por Ellison durante toda a narrativa. Devido ao fato de o Fundador ser uma personagem inominada, pretende-se, nesse trabalho, fazer uso de outras obras a fim de, comparando elementos da narrativa, argumentar a identidade da personagem.

A esta terra chegou um humilde profeta. (...) Nascido na região mais atrasada desta terra árida, ferida pela guerra, mas capaz de derramar luz por onde passasse. (...) Lembrem-se de como se deu o seu primeiro aprendizado (...) como aprendeu a ler e a escrever, desvendando sozinho o segredo das palavras (...). E todos sabem de sua fuga, quando atravessou montanhas e vales para alcançar aquele centro de cultura onde depois perseverou, trabalhando dia e noite pelo privilégio de estudar (...) Mesmo aqueles entre você que só ingressaram neste templo no último semestre, o sabem bem (...) foi ele quem cuidou dos nossos ferimentos, ao cuidar dos ferimentos do Fundador. Ele, um velho escravo. (ELLISON, 1990, p. 105-107)

A partir da leitura de *Up from slavery* (1990), autobiografia de Booker T. Washington, é possível observar que o discurso supracitado por Ellison faz referência a Washington. A “terra ferida pela guerra” compreende-se ser certamente o Sul dos Estados Unidos. Em sua autobiografia, Washington diz: “Eu nasci escravo em uma plantação em Franklin County, Virginia. (...) Minha vida teve início em meio aos mais miseráveis, desoladores e desencorajadores ambientes”⁸ (WASHINGTON, 1901, p.583). Washington revela sua apreciação no aprendizado ao contar que, quando escravo, acompanhava uma de suas patroas carregando-lhes os livros: “Eu não tive nenhuma educação (...) A figura daquelas dezenas de garotos e garotas engajados no estudo na sala de aula causou grande atenção em mim”⁹ (WASHINGTON, 1901, p. 585). Assim, embora não houvesse algum professor negro nos ambientes em que vivia, ainda criança sente-se determinado a aprender a ler e escrever, induzindo sua mãe a arranjar-lhe um livro. Esforça-se com o apoio imensurável de sua mãe, “desvendando sozinho o segredo das palavras”:

No original: “I was born a slave on a plantation in Franklin County, Virginia. (...) My life had its beginning in the midst of the most miserable, desolate, and discouraging surroundings.”

Ibid., p. 585. No original: “The picture of several dozen boys and girls in a schoolroom engaged in study made a deep impression upon me (...)”.

No original: “I induced my mother to get hold of a book for me. How or where she got it I do not know (...) I had learned from somebody that the way to begin to read was to learn the alphabet, so I tried in all the ways I could think of to learn it, - all of course without a teacher, for I could find no one to teach me. (...) In some way, within a few weeks, I mastered the greater portion of the alphabet.”

Eu induzi minha mãe a arranjar-me um livro. Como ou onde ela o conseguiu eu não sei (...) Aprendi com alguém que a maneira de começar a ler era aprendendo o alfabeto, então eu tentei de todas as formas que eu poderia pensar em como aprendê-lo, - tudo é claro sem um professor, pois não poderia encontrar nenhum para me ensinar. (...) De alguma forma, dentro de algumas semanas, eu vendi boa parte do alfabeto. (ELLISON, 1990, p. 591)¹⁰

Ibid., p. 592. No original: “Despite this disappointment, however, I determined (...) The schoolhouse was some distance from the furnace, and as I had to work till nine o'clock, and the school opened at nine, I found myself in a difficulty.”

Além disso, sua jornada a fim de “alcançar aquele centro de cultura onde depois perseverou, trabalhando dia e noite pelo privilégio de estudar,” pode ser identificado quando Washington relata o momento em que seu padrasto percebe que ele poderia ajudar financeiramente, criando-lhe um empecilho. Consequentemente, devido à distância que deveria percorrer para chegar à escola, adianta o horário do relógio do lugar em que trabalha: “Apesar desse desapontamento, entretanto, estava determinado (...) A escola era longe da fornalha, e como tinha que trabalhar até as nove horas, e a escola abria às nove, tive dificuldades.”¹¹

Uma vez observados estes aspectos, conclui-se ser pertinente a afirmação de que o sujeito sobre o qual transcorreria o discurso do Reverendo Homer A. Barbee – sobre o Fundador e a universidade – assemelha-se à história de vida de Booker T. Washington. O homem invisível, ao refletir sobre a proposta dos ativistas liderados por Jack, deixa claro sua resistência às ideologias de Booker T. Washington: “Quanto àquela história de Booker T. Washington (...) Eu faria o meu trabalho, sim, mas sendo eu mesmo (embora eu não soubesse quem eu era). Calcaria minha vida na do Fundador.” (ELLISON, 1990, p. 267).

Embora o narrador afirme em alguns momentos da narrativa não concordar com as ideologias desenvolvimentistas de Washington, o seu olhar diante do outro (negro) e seu questionamento em relação às posições políticas defendidas por esse Outro mostra seu comportamento semelhante aos ideais postulados pelo líder político. Ao encontrar a personagem Rás, o Exortador – um símbolo forte na narrativa, representando o “alucinado que se diz nacionalista negro” (ELLISON, 1990, p. 311) – o narrador, junto à personagem Tod Clifton, argumenta desejar a convivência entre Branco e Negro. Para Rás, o povo negro deveria se unir, brancos e negros não poderiam, por exemplo, trabalhar juntos:

[Rás] (...) Eles te odeiam, homem! Tu é africano. (...) Eles escravizaram a gente, ou será que tu não se lembra disso? (...) Não percebe que faz parte de uma minoria? Quem quer vencer precisa de aliados...

[Clifton] Taí, isso sim, faz sentido. De aliados negros. Aliados amarelos e pardos!

[Homem invisível] De qualquer um que deseje um mundo fraterno – retruquei.

[Rás] Larga de ser burro, homem! Eles são brancos, eles não precisam se aliar a nenhum crioulo. Conseguindo o que querem, te viram as costas. (ELLISON, 1990, p. 317-319).

A personagem Rás defende a ideia do retorno às origens. Para isso, a união entre negros e negros parece fundamental. O homem invisível discorda de sua opinião, buscando a fraternidade entre brancos e negros, a união entre as “raças”, a paz e a caridade universal. A esse ideal de fraternidade humana, o narrador se assemelha a Du Bois, que, em *As almas da gente negra* (1868-1963), prescreve:

precisamos de todos (...) juntos (...) todos empenhando-se em prol desse ideal mais amplo (...) o ideal de fraternidade humana, adquirida por meio do ideal unificador da Raça; o ideal de criar e desenvolver os traços e os talentos do Negro, não em oposição ou em desprezo a outras raças, mas em ampla conformidade com os ideais maiores da República americana, a fim de que um dia, no solo americano, duas raças mundiais possam outorgar-se reciprocamente aquelas características de que ambas tão tristemente carecem. (DU BOIS, 1999, p. 61)

No original: "(...) and mere connection with what is regarded as an inferior race will not finally hold an individual back if he possesses intrinsic, individual merit. Every persecuted individual and race should get much consolation out of the great human law (...)"

Branços, negros, pardos, índios etc, convivendo juntos harmoniosamente.

No original: "(...) some of the most violent articulations of purity and racial exclusivism come from diaspora populations. But such discourses are usually weapons of the (relatively) weak."

No entanto, os pensamentos de ideal "unificador da Raça" podem ser observados também na autobiografia de Booker T. Washington – *Up from slavery* –, que afirma que "qualquer conexão com o que é visto como uma raça inferior não impedirá um sujeito de ser reconhecido pelos méritos que carrega. Todo indivíduo ou raça perseguida deve encontrar a consolação na lei da grande humanidade (...)" (WASHINGTON, 1901, p. 595).¹²

Dessa forma, embora Du Bois e Booker T. Washington tenham formulado proposições diversas, concordavam em um aspecto, que Ellison elabora na construção do narrador de *o Homem Invisível*: o relacionamento pacífico da Raça.¹³

O ideal de pureza do Negro e a necessidade do retorno à "Mãe África", defendido pela personagem Rás, constituem também uma forma de racismo. Clifford afirma que "uma das formas mais violentas de articulações de pureza e exclusão racial originam-se de populações diaspóricas. No entanto, estes discursos são geralmente recursos utilizados pelos (relativamente) fracos." (CLIFFORD, 1994, p. 307).¹⁴

O "relativamente" utilizado por Clifford, entre parênteses, contribui para se analisar o evento posterior ao encontro do narrador com a personagem Rás, em *o Homem invisível*. Após o assassinato de Tod Clifton – que realizava uma apresentação com bonecos que vendia na rua, embora fosse proibido pela polícia – o homem invisível organiza um funeral, pois interpreta a violência não em relação às proposições de Clifton, mas pelo unívoco fato de ele ser negro. Os membros da Confraria, liderados pela personagem Jack, porém, reprimem a atitude do narrador, dizendo que ele fora "contratado para falar" (ELLISON, 1990, p. 401), somente para transmitir as ideias que lhe seriam fornecidas. O homem invisível não poderia pensar, menos ainda transmitir seus ideais sem a aprovação dos membros. No seguinte diálogo, é possível perceber que a opinião do povo negro, da massa, pouco importa. Conclui-se que o narrador, sendo negro, estaria sendo "usado" pelo Branco:

[Jack] Nossa função não é perguntar a ela o que ela pensa, e sim dizer a ela o que deve pensar!

[Homem invisível] (...) tai uma coisa que você bem que podia dizer pessoalmente para eles. Afinal de contas, quem você pensa que é? O Grande Pai Branco?

[Jack] Não, não sou o pai deles, mas o líder deles. (...)

[Homem invisível] Meu líder, pode até ser. Mas qual é, precisamente, a natureza da sua relação com eles? (...). (ELLISON, 1990, p. 404)

Assim, o narrador se depara, novamente, com o poder do Branco. Anteriormente, na narrativa, fora expulso da universidade por um negro que ocupava a posição de diretor da escola por ser submisso aos donativos do Branco. O homem invisível se encontra novamente em conflito, sendo aquilo que Rás dissera: "um leva-e-traz dos brancos" (ELLISON, 1990, p. 322). Dessa maneira, o leitor percebe que o discurso da personagem Rás não se mostrava, na prática, incoerente.

Independentemente de o narrador ser um exemplo, um seguidor de Booker T. Washington ou de Du Bois, o homem invisível vivencia a impossibilidade da fraternidade humana entre a Raça naquele período (1940). No discurso apresentado no funeral de Tod Clifton, a personagem enuncia suas próprias crenças e, conseqüentemente, o futuro que o esperava.

Tod Clifton, ele estava desarmado e sua morte foi tão absurda quanto a sua vida inútil. Ele lutou pela fraternidade em centenas de esquinas (...) Seu nome era Tod Clifton e ele estava cheio de ilusões. (...) Ele achava que era um homem, e que os homens não foram feitos para serem humilhados. (...) ele esqueceu do seu passado, se esqueceu do seu tempo e do seu lugar. (...) não se iludam, pois esses ossos não haverão de ressuscitar. Você e eu continuaremos neste caixão. (ELLISON, 1990, p. 390)

O narrador enfatiza que Clifton se esqueceu do seu passado, tempo e lugar, ou seja, esquecera do lugar do Negro, o lugar do silêncio, da submissão, da invisibilidade. Novamente, a vida lhe provara a impossibilidade daquilo que Du Bois desenvolvera em **As almas da gente negra** (1903): “rasgar esse véu” e libertar-se das “sombras”. Ellison faz uso da metáfora do caixão e da morte para se referir à cor do Negro. Em meio a esse ambiente hostil, o narrador escolhe viver em um buraco, pois sem a luminosidade não pode ser invisível. No entanto, ao final da narrativa, o homem invisível confessa que “as verdadeiras trevas são estas, no interior da minha própria mente – e a ideia de voltar se perde nas sombras. A vontade, contudo, permanece.” (ELLISON, 1990, p. 497).

A VISIBILIDADE EM FANON

Frantz Fanon nasceu em Fort-de-France, em 20 de Julho de 1925. Aluno de Aimé Césaire, apresenta em 1951, em Lyon sua tese de conclusão do curso de medicina – rejeitada pela escola –, **Pele negra, máscaras brancas**. Nesta obra, Fanon desenvolve a hipótese de que a alma negra é uma criação de brancos, compreendendo o preconceito de cor como um fenômeno superestrutural que reflete a irracionalidade da estrutura que produz, criando um divisor na sociedade.

Ao contrário de Ellison (1990), Fanon constrói a análise do Negro a partir de sua visibilidade, pois é através do olhar do Branco que o psiquiatra e político se conscientiza de sua conjuntura escravizante. No quinto capítulo de **Pele negra, máscaras brancas**, Fanon confessa se divertir com o fato de ser visto como algo exótico quando, por exemplo, se depara com uma criança branca acompanhada de sua mãe em um ambiente aberto. Posteriormente, após vivenciar a “sombra do véu” que atingiu Du Bois (1999) na infância e a personagem invisível de Ellison (1990) já na maturidade, magoa-lhe o fato de ocupar tanto espaço a fim de permanecer distante o bastante do Branco:

“Mamãe um negro, tenho medo!” (...) começavam a ter medo de mim. Quis me divertir, até perder o fôlego, mas tornou-se impossível. (...) Então, o esquema corporal, atingindo em vários pontos,

desabou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. (...) De repente, invés de um, deixavam-me, dois três lugares. Já não me divertia. (...) Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... (...) (FANON, 1983, p. 93)

A partir de sua própria experiência, Fanon argumenta ser o Negro uma criação do Branco. Além disso, enfatiza o fato de ser a partir do estágio infantil que o ser humano, ao atingir a verbalização, percebe que a experiência pode ter significação. Conseqüentemente, uma vez realizado o contato com o racional, abrem-se as portas para o trauma. Fanon interpreta esse olhar visível do Branco como ódio, rancor: “Eu sabia. Era ódio; eu era odiado, detestado, desprezado (...) por toda uma raça. (...) Os psicanalistas dizem que para a criança não há nada de mais traumatizante que o contato com o racional.” (FANON, 1983, p. 98).

Embora seja traumática a experiência da criança ao entrar em contato com a razão, pode-se questionar a positividade dessa descoberta ainda na infância. Acredita-se que a relação da criança com a realidade faça com que a tomada de consciência de seu lugar na sociedade não seja mitificada, colaborando com seu desenvolvimento de maneira racional. O narrador de o **Homem invisível** (1947), de Ralph Ellison, descobre o mundo racional já na maturidade, o que pode ter contribuído para sua alienação e aprisionamento em si mesmo através de sua cor e exteriormente em seu buraco: “Quando não há nenhuma possibilidade de ação, todas as informações nos chegam com uma etiqueta de ‘arquivar e esquecer.’ Só que eu não sei arquivar e, muito menos, esquecer.” (ELLISON, 1990, p. 497).

A construção estereotipada e inexistente do Negro aos olhos do Branco fez com que Fanon, assim como o homem invisível de Ellison, descobrisse o seu “duplo” inconformado, rebelde e violento: “(...) o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixa-me (...) Enraiveci-me, exige uma explicação...De nada adiantou. Explodi. Eis as migalhas reunidas por um outro eu.” (FANON, 1983, p. 91).

Fanon não somente foca seu estudo no racismo em relação ao Negro, mas deixa explícita sua rejeição contra a todas as formas de exploração: “Todas as formas de exploração são idênticas, pois todas elas se destinam a um mesmo “objeto”: o homem.” (FANON, 1983, p. 75). Pode-se compreender, a partir desta citação, a razão pela qual Du Bois divergia de Booker T. Washington, pois uma vez defendendo a escolaridade básica e o treinamento industrial, o ex-escravo esforçava-se para “fazer de artesãos negros, homens de negócios e proprietários; mas é absolutamente impossível, sob os modernos métodos competitivos, que trabalhadores e proprietários defendam seus direitos e existam, sem o direito do voto (...).” (DU BOIS, 1999, p.108). Desse modo, os negros continuariam a serem escravos explorados, mas com um diferencial: seriam negros livres desprovidos de direitos civis.

Assim como Du Bois(1999) e Booker T. Washington (1901), Fanon elabora um apelo à fraternidade, desejando que o Branco se liberte de sua brancura e o Negro se livre de sua negrura. Dessa forma, expõe uma análise do passado e do presente almejando somente uma coisa

para o futuro: “Que jamais o instrumento domine o homem. (...) O Negro não é. Não mais que o Branco. Ambos têm que se libertar das vozes desumanas de seus ancestrais [...] Que haja uma tentativa de desalienação em prol da liberdade (...)” (FANON, 1983, p. 189)

Em o **Homem invisível**, o narrador identifica a exacerbação da brancura assim como da negritude, como um problema universal: “(...) uma das coisas mais ridículas do mundo é ver os brancos fingindo que são negros (...) enquanto os negros lutam para ser brancos (...) Nenhum de nós parece saber quem é (...)” (ELLISON, 1990, p.495). Conclui-se, assim, que a humanidade parece sofrer um problema de identidade, e “o Negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: tornar-se branco ou desaparecer, mas ele deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir” (FANON, 1983, p. 83).

Gilroy afirma que “os problemas da ontologia e da identidade racializadas – a tensão entre ser e tornar-se negro – estão, portanto, profundamente gravados na própria vida de Du Bois.” (GILROY, 2008, p. 230). A esta afirmação podemos incluir não somente Frantz Fanon, mas Booker T. Washington, Ellison e muitos outros negros.

CONCLUSÃO

A narrativa construída por Ralph Ellison demonstra através de meios literários, as dificuldades sofridas por aqueles os quais são “estranhos” à sociedade. O narrador que se intitula invisível vivencia o policiamento cuidadoso dos espaços “dominados” pelo Branco ou por aqueles raros negros que “embranqueceram”, ou seja, atingiram um lugar privilegiado. Ellison explora a psique do sujeito que vive à margem da sociedade, associando a brancura à visibilidade devido a privilégios de direitos e status. Na realidade, Ellison não focaliza apenas a cor, mas a maneira como as pessoas ou os grupos étnicos estão posicionados em relação às estruturas institucionais e às formações discursivas, à forma como determinados grupos são privilegiados como resultado do que “representam”.

Du Bois, em **As almas da gente negra** (1903), expõe a divisão entre o mundo Branco e o mundo Negro através dos relatos de sua própria experiência. Assim como o homem negro vivencia a revelação de estar aprisionado à “sombra do véu”, impedido de usufruir dos benefícios da sociedade e da civilização. Fanon, em **Pele negra, máscaras brancas** (1952) também descreve, em ato confessional, a dureza de fazer parte do mundo das “sombras”. A escrita de Du Bois e Fanon é essencial para o arquivo da diáspora, uma vez que explicitamente narra a permanência dos dogmas racistas, de mitos e estereótipos sobre o Negro ainda do século XX. Du Bois, assim como Fanon e o narrador de o **Homem invisível** (1947), assumem-se Negros. Além disso, também reconhecem sua nacionalidade, isto é, atingem o que Du Bois intitula de “dupla consciência”. Através de meios literários fazem um apelo ao reconhecimento de uma única raça: a raça universal.

Quanto à aparição recorrente de Booker T. Washington em Ellison (1947), observa-se que – através do percurso percorrido pelo homem

invisível nos Estados Unidos, em 1940 – o espaço “oferecido” ao negro condizia com os ideais propostos pelo ex-escravo educador, pois, involuntariamente, o negro era obrigado a contentar-se somente com a educação básica, não atingiria o poder político e os direitos de cidadão, além de não receber treinamento profissional. Dessa maneira, embora Washington propusesse uma convivência harmoniosa entre o Branco e o Negro, este continuaria sendo discriminado, rejeitado e desempregado. Torna-se necessário que a nação reconheça a primazia de sua responsabilidade para com aqueles que fazem parte da cultura estadunidense. A escrita de Ellison demonstra que a nação seguiu as diretrizes de Booker T. Washington, colocando o fardo de toda a tarefa do problema do negro nos ombros dos cidadãos negros. A crítica de Ellison a Washington deve-se ao fato de este líder ter “contribuído” para o fortalecimento da separação entre o Branco e o Negro, também elaborando uma crítica a Du Bois através do Fundador da universidade, que postula ser a educação a solução para a visibilidade.

Conclui-se, dessa maneira, que a escrita de Du Bois, Ellison, Fanon e Washington coloca o lugar da identidade como uma questão política: não se nasce negro, torna-se negro, reconhecendo uma consciência de si e uma consciência para si em prol da fraternidade humana.

ABSTRACT

From a critical study of the book **Invisible man**, written by Ralph Ellison, this text aims to discuss the issue of the invisibility of the diasporic subject. In order to comprehend this view, the issues of difference and culture, analyzed by contemporary scholars, such as Stuart Hall, prove to be extremely important. Moreover, in order to understand assertions about the black “race” formulated by the narrator, I will utilize concepts developed by Du Bois in **The souls of black folk**, such as the metaphor of the veil and the double consciousness, the autobiography of Booker T. Washington, **Up from slavery** and a comparative work about the visibility of the black developed by Frantz Fanon, in **Black skin, white masks**.

Key words: Skin colour; Diaspora; Difference; Invisibility; Visibility.

REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James. Diasporas. **Cultural Anthropology Further Inflections Toward Ethnographies of the Future**. v.9, n.3, p. 302-338, ago, 1994.

DRAKE, St. Clair. Anthropology and the Black experience. In: DRAKE, St. Clair. **The Black Scholar**. 1980.

DU BOIS, W.E.B. **As Almas da Gente Negra**. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

ELLISON, Ralph. **Homem invisível**. Tradução de Márcia Serra. São Paulo: Marco Zero, 1990.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: Modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34 Ltda, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

WASHINGTON, Booker T. **Up From Slavery**. Doubleday, Page and Company, 1901.